

## 2. ESTUDOS

JOSÉ ANTÓNIO GOMES

ESE-Instituto Politécnico do Porto

ANA MARGARIDA RAMOS

Universidade de Aveiro

SARA REIS DA SILVA

Universidade do Minho

### 2.1. A nova poesia portuguesa para a infância (2000-2008): tendências e presença do mar

A criação poética constituiu quase sempre um domínio nobre da literatura para a infância em língua portuguesa e vários são os poetas de relevo que lhe têm dedicado alguma atenção. Os oitocentistas João de Deus, Antero de Quental e Gomes Leal e, no século XX, o simbolista tardio, de tendência neo-romântica e nacionalista, Afonso Lopes Vieira, o modernista Fernando Pessoa, o neo-realista Sidónio Muralha, o surrealista António José Forte, e ainda Eugénio de Andrade e Manuel Alegre são nomes que importa, desde logo, recordar. Por outro lado, figuras marcantes da história da cultura portuguesa como Antero de Quental (ainda no século XIX), Alice Gomes, Natércia Rocha, Sophia de Mello Breyner Andresen e outros (na segunda metade do século XX) empreenderam a organização de importantes antologias, destinadas aos mais novos, que se, por um lado, revelaram as potencialidades de leitura por parte do público infantil de muitos poemas de preferencial recepção adulta, por outro, foram dando a conhecer a vitalidade de uma produção poética expressamente destinada à infância. Para apenas mencionar alguns nomes, Adolfo Simões Müller, Lília da Fonseca, Alice Gomes, Sidónio Muralha, Leonel Neves, Carlos Pinhão, Maria Cândida Mendonça, Mário Castrim, Maria Rosa Colaço, Eugénio de Andrade, António Manuel Couto Viana, Matilde Rosa Araújo,

Maria Alberta Menéres, Luísa Ducla Soares, Manuel António Pina, José Jorge Letria, Violeta Figueiredo e Álvaro Magalhães avultam entre os autores que, ao longo do século XX, mas sobretudo no período compreendido entre 1950 e 2000, publicaram títulos que asseguram à poesia um espaço de assinalável vitalidade criadora na nossa produção literária dirigida aos mais jovens.

Importa, por isso, começar por fazer referência a títulos publicados por escritores com obra já editada antes de 25 de Abril de 1974, dado que, dobrado o segundo milénio, foram vários os que viram novos títulos editados, como Castrim, Couto Viana, Matilde Rosa Araújo, Luísa Ducla Soares, António Torrado, Pina, Letria e Álvaro Magalhães, entre outros.

Vinculado ao marxismo mas igualmente sensível a certo influxo ideológico de matriz cristã, **Mário Castrim** (1920-2002), em *Histórias com Juízo* (1969) e *Estas São as Letras* (1977), entre outros títulos, foi dos poetas que trilharam, na segunda metade do século XX, rumos mais originais no plano das formas. Em *A Moeda do Sol* (2006), livro de publicação póstuma, lega-nos um conjunto de composições em que a família, a Natureza, os animais e as paisagens são alvo de um olhar atento e perscrutante, capaz de compreender – às vezes só inquirir – o âmago das coisas e de as perspectivar para lá das aparências mais óbvias.

*O Livro da Tila* (1957), *O Cantar da Tila* (1967), *A Guitarra da Boneca* (1983), *Mistérios* (1988), *As Fadas Verdes* (1994), *Segredos e Brinquedos* (1999) são títulos que impuseram **Matilde Rosa Araújo** (1921-) como uma das vozes mais singulares da poesia portuguesa de destinatário infantil, numa escrita que constitui uma síntese moderna de várias tradições, muito sensível contudo ao sofrimento humano, mas também aos júbilos e ao ludismo da infância e, por vezes, surpreendentemente bem-humorada. Destaque-se a colectânea *Anjos de Pijama* (2006), obra onde dá a conhecer uma poesia que se mantém fiel aos seus motivos e temáticas de sempre: os animais, a Natureza, a infância, as suas brincadeiras, fazeres-de-conta e pequenas aventuras...

Pertencente à geração de Castrim e de Matilde Rosa Araújo, mas provindo de um campo ideológico oposto, **António Manuel Couto Viana** (1923-) publicou *Versos de Cacará* (1984) e *Versos de Palmo e Meio* (1994). Em *Bichos Diversos em Versos* (2008), propõe catorze composições que, além de virem enriquecer a tradição dos bestiários poéticos – pois o universo animal funciona como elo coesivo do livro – exploram o jogo poético, a vertigem rimática e as potencialidades do humor, sobretudo a partir dos nomes dos animais, dos seus elementos mais estereotipados, da tradição literária oral e popular que é aqui recriada e, às vezes, subvertida, para além de outras referências intertextuais.

Destaque-se o caso singular da escritora **Teresa Rita Lopes** (1937-) que, oriunda do ensaísmo de matriz universitária e responsável por diversos livros de poesia e textos dramáticos, assina a colectânea de textos poéticos e narrativos *Jogos: versos e redacções para todas as idades* (2001).

Inscrita no grupo de autores que, nos anos 60, trouxeram a lume as suas primeiras experiências literárias, **Luísa Ducla Soares** (1939-) continua a editar colectâneas de poesia onde o jogo é uma das matrizes estruturantes. No seguimento de obras como *A Gata Tareca e outros poemas levados da breca* (1990), o livro *A Cavalo no Tempo* (2003) caracteriza-se por uma grande diversidade dos temas e dos motivos literários recriados. A coesão da publicação é sustentada pela exploração sábia e experiente de efeitos sonoros e rítmicos, conduzindo a uma leitura da poesia (e da literatura) como jogo. No domínio da ecopoesia, assinale-se a publicação dos volumes *O Planeta Azul* (2008) e *O Mar* (2008), percorridos pela sugestão ambiental e pela denúncia do comportamento pouco respeitador do Homem.

**António Torrado** (1939-), com incursões esporádicas na poesia, sobretudo recentes, reedita, em *À Esquina da Rima Buzina* (2006), poemas anteriormente musicados por artistas da música popular urbana, a par de outros escritos para obras colectivas ou isoladamente publicados em volumes de pequeno formato. Os elementos

fundamentais desta poética mantêm-se em *Como quem Diz* (2005), cerca de três dezenas de poemas caracterizados pela brevidade da forma e da métrica, muitas vezes construídos a partir de trocadilhos e jogos de palavras e privilegiando uma forma dialogada.

Enquadráveis já em gerações posteriores são, por exemplo, Manuel António Pina, Álvaro Magalhães e José Jorge Letria, todos eles profundos conhecedores dos «clássicos» da literatura *tout court* e dos da literatura para a infância e a juventude, em particular, sobretudo os oriundos dos espaços anglo-saxónico, francófono e hispânico – o que deixa rastros visíveis na escrita de cada um deles.

Marcada pela singularidade, a obra de **Manuel António Pina** (1943-) *Pequeno Livro de Desmatemática* (2001) distingue-se pela forma como o autor, com uma linguagem inconfundível, caracterizada pelo humor, pelo jogo de palavras e conceitos e pela subversão, constrói uma poética capaz de divertir e estimular a reflexão.

Digna de registo é ainda a produção poética de **Álvaro Magalhães** (n. 1951) (leia-se *O Limpa-Palavras e outros poemas*, 2000, e *O Brincador*, 2005), caracterizada por uma escrita desafiadora, muitas vezes de pendor filosófico, assente em temas (o tempo, a morte, o amor...) e motivos pouco habituais no universo da literatura para crianças, o que configura um sinal de rara originalidade ao mesmo tempo que abre, de forma considerável, o leque dos potenciais receptores.

**José Jorge Letria** (1951-), um dos autores que mais títulos têm editado no domínio da poesia, distingue-se por percorrer vias formais de cunho mais tradicional, a par de diferentes e, por vezes, inusitados caminhos. Num dos seus títulos mais recentes, *Novas Rimas Traquinas* (2008), na linha de dois anteriores com características semelhantes (*O Livro das Rimas Traquinas* (1992) e *Uma Mão-Cheia de Rimas para Primos e Primas* (1996), propõe-nos composições que, além de conterem, aqui e acolá, reflexões metapoéticas e explícitas alusões intertextuais e interartísticas, despertam no leitor adulto a memória das *nursery rhymes* e das *children's rhymes* da tradição anglo-saxónica. Noutro dos seus livros de poesia mais

felizes, *Letras & Letrias* (2005) o mesmo poeta deixa-se tentar pela gregueria, esse género poético que devemos ao grande escritor espanhol pós-simbolista Ramón Gómez de la Serna (1888-1963).

À mesma geração de Letria e Magalhães pertence **Vergílio Alberto Vieira** (1950-). Com influências da literatura popular, nomeadamente das suas formas tradicionais, a produção poética deste autor caracteriza-se também pela vertente lúdica associada ao culto da palavra nas suas múltiplas dimensões. A denúncia e a crítica social presentes em alguns textos articulam-se com o tratamento de temáticas ligadas à revisitação da Natureza e ao tratamento da infância, para além da valorização do imaginário. Nesta linha poética, leiam-se *Do Alto do Cavalo Azul* (2000), *Para Chegar a uma Estrela* (2005), *Os Livros dos Outros* (2006), *A Pulga atrás da Orelha* (2006), *A Boca no Trombone* (2008), *A Escola dos Disparates* (2007), *O Meu Sonho É Maior do que O Teu* (2008) e *Cinema Garrett* (2008).

**José Fanha** (1951-), por seu turno, em *Cantigas e Cantigos* (2004), recria algumas das rimas infantis de maior divulgação. Quase todos vocacionados para crianças muito novas, os poemas, regra geral manifestamente «musicais», desenvolvem-se a partir da articulação de segmentos literários como os trava-línguas e as lengalengas, por exemplo, e de outros nascidos da criatividade do poeta, que acentua o carácter lúdico da língua através de repetições estruturais e fonéticas.

Consideremos, de seguida, a geração dos autores que, nascidos entre meados da década de 50 e o início dos anos 60, viveram o fim da adolescência e o princípio da idade adulta por altura da Revolução de Abril, tendo chegado à escrita para a infância (um ou outro tardiamente) num período em que esta já assumia, na vida cultural portuguesa, inegável relevância estética, educativa e social.

Começemos por dois casos peculiares, os de Amadeu Baptista e de Luísa Costa Gomes, por serem autores oriundos da chamada literatura para adultos, com incursões esporádicas e relativamente tardias na escrita para os mais novos. Do primeiro, destaque-se *Os*

*Cavalos a Correr* (2008), e da segunda os textos construídos a partir da tradição oral em *Trava-línguas* (2006) ou as narrativas versificadas em *A Galinha que Cantava Ópera* (2005).

Precocemente desaparecida, **Teresa Guedes** (1957-2007), além de alguns volumes no âmbito da escrita criativa e da pedagogia da poesia, deixou-nos três colectâneas de textos poéticos de particular interesse pela inventividade linguística e pela observação singular do mundo. Leiam-se os livros *Em Branco* (2002) – onde têm lugar de destaque as formas breves e muito breves, algumas com ressonâncias do haiku, propondo-se uma poesia da contenção e da sugestão – e os desafiadores exercícios poéticos de *Real...mente* (2005) ou *Tu Escolhes* (2007).

Na esteira de *Sal, Sapo, Sardinha* (1996), **António Mota** (1957-) publica *Onde Tudo Aconteceu* (2001), obra onde reúne dezassete poemas breves, em discurso próximo da coloquialidade e marcado por uma evidente sensorialidade, um olhar sempre novo sobre a Natureza e o quotidiano, pleno de pequenos episódios; *Lá de cima cá de baixo* (2008), colectânea expressivamente ilustrada por Teresa Lima, guarda treze poemas nos quais o cenário natural e as figuras animais possuem um significativo relevo.

Atente-se, igualmente, pela originalidade dos seus textos, na produção poética de **Jorge Sousa Braga** (1957-). Depois de *Herbário* (1999) e de *Poemas com Asas* (2001), *Pó de Estrelas* (2004) constitui uma revisitação poética do universo e de algumas das suas noções.

A produção poética de **João Pedro Mésseder** (1957-) promove uma reflexão sobre as palavras, a sua componente sonora, a sua forma e os seus significados. Os seus textos caracterizam-se pela novidade do olhar face ao universo infantil, simultaneamente inaugural e questionador, manifestando uma voz interventiva que reflecte sobre o mundo e sobre os homens. A comprová-lo vejam-se obras como *De que Cor É o Desejo?* (2000), *À Noite as Estrelas Descem do Céu* (2002), *O g É um Gato Enroscado* (2003), *Palavra que Voa* (2005), *Vozes do Alfabeto* (2007) ou nos *Breviários do Sol* (2002) e *da Água* (2004), estes em co-autoria com **Francisco Duarte Man-**

**gas** (1960-) que, esta semana, deu à estampa um original livro de poesia que confirma a sua qualidade poética.

Em *Palavras para Lavras* (2002), de **Alexandre Honrado** (1960-), os eixos ideotemáticos dominantes resultam da recriação poética de elementos da natureza, alvo de personificação; da família e dos afectos; da crítica social e da constatação dos males do mundo, como a guerra, a falta de liberdade e o sofrimento infantil. Paralelamente, é possível descobrir poemas de cariz mais lúdico, ligados aos jogos de sons e de palavras, explorando combinações originais.

Um dos mais talentosos poetas da nova geração de escritores, **Nuno Higinio** (1960-) destaca-se pela forma intensamente lírica como combina uma atenta observação da realidade que o rodeia com a simplicidade de um registo que, ora deslumbrado, ora próximo da ingenuidade infantil, a capta e recria. Leiam-se os títulos *O Menino que Namorava Paisagens* (2001), *Todos os Cavalos... e mais Sete* (2003) ou *Versos Diversos* (2008).

Pertencendo a uma novíssima geração de escritores que, muito recentemente, começaram a editar livros para crianças e, em especial, poesia, destaque-se o caso de **João Manuel Ribeiro** (1968-). Nos últimos anos, vieram a lume várias colectâneas da sua autoria onde é visível a ligação a uma matriz tradicional, que o poeta reinventa e recria, apostando na dimensão lúdica, presente nos jogos de palavras, sons e sentidos de textos que percorrem vários temas e motivos, com especial atenção para o universo animal. É o caso de *Poemas da Bicharada* (2008) e *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas* (2008) aos quais entretanto já se juntaram mais livros.

## A Poesia para a Infância e o Mar

Atente-se, de seguida, numa questão particular – a da presença do mar na poesia para a infância – motivada pelo tema de fundo dos 15.ºs Encontros Luso-Galaico-Franceses do Livro Infantil, no quadro dos quais é apresentada esta comunicação.

Entendido, muitas vezes, como elemento determinante da própria identidade nacional portuguesa, o mar, quer em termos objectivos quer simbólicos, surge como configurador de uma personalidade particular, uma espécie de elemento que, estando presente no código genético do país, quase se confunde com ele próprio. De limite físico e geográfico a ponte para o encontro com novos mundos e culturas diferentes, a história de Portugal pode ser contada a partir desta umbilical, às vezes cheia de contradições, relação com o mar.

Lugar de mistérios insondáveis, o mar é, possivelmente, um dos elementos da Natureza mais fortemente conotados, tanto do ponto de vista simbólico como literário. Os segredos que ainda guarda, os lugares inacessíveis que esconde e as espécies desconhecidas que alberga representam, para a curiosidade humana, uma espécie de último reduto natural, simultaneamente espaço sagrado, mágico e original, fonte e génese de toda a vida conhecida. Enquanto símbolo da própria dinâmica da existência, e do seu ciclo perfeito, o mar encerra em si todas as possibilidades.

A literatura portuguesa, e a poesia em particular, desde as suas mais remotas origens, retomam-no incessantemente como mote poético, sendo mesmo responsável pela configuração de subgéneros, como aconteceu na lírica galaico-portuguesa, com as marinhas ou barcaolas. A proximidade marítima é, acrescente-se, um dos elementos de identificação entre Portugal e Galiza o que explica também esta atracção partilhada.

No domínio mais específico da literatura para a infância, lembre-se o texto fundador *A Menina do Mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, conto escrito numa prosa de intensa poeticidade onde a fusão dos elementos aquático e terrestre parece responder a uma secreta ambição humana de regresso às origens, ou recuando um pouco mais, o *Romance das Ilhas Encantadas*, de Jaime Cortesão, uma reinterpretação de cariz mítico-lendário da própria origem e identidade portuguesas. Aliás, como sabemos, em Sophia, o mar constitui uma espécie de *topos* poético primordial, percorrendo e unindo toda a sua escrita. Só no âmbito da produção para o uni-

verso infanto-juvenil, pensemos ainda em contos como «Saga», *O Cavaleiro da Dinamarca*, ou mesmo *A Árvore*.

Merece ainda referência a bela antologia *O Mar na Cultura Popular Portuguesa* (1998), destinada à infância, em que Maria Isabel de Mendonça Soares, outra histórica autora da nossa literatura para crianças, reuniu, de modo criterioso, quadras e rimances populares, lengalengas, adivinhas, provérbios, cantigas e composições rimadas usadas em jogos infantis, além de contos e lendas, numa expressiva evidência da importância do motivo do mar e dos temas a ele associados na literatura popular portuguesa de transmissão oral.

Vejamos, de seguida, algumas obras e composições isoladas publicadas entre 2000 e 2008. Em «A Barca», poema patente em *Conto Estrelas em Ti*, é audível o eco do poema «Barca Bela», de Almeida Garrett, de que Papiniano Carlos se serve como mote para um texto breve, de medida muito curta, onde, mais do que a ambiência marítima, herdeira da tradição medieval das barcaolas ou marinhas, o jogo sonoro, rítmico e melódico estão ao serviço da criação de uma cena estética e literariamente rica. Observe-se como a segunda estrofe repete integralmente os primeiros quatro versos da primeira, funcionando como refrão e criando um movimento e uma cadência particular, balanceada como a própria barca.

Em *A Moeda do Sol*, de Mário Castrim, as alusões ao mar, em textos como «Casa» ou «Perfume» têm mais valor simbólico, sugerindo um ambiente, do que correspondência concreta com o elemento natural. Conotado com a memória, o mar surge, no primeiro poema, como elemento distintivo da casa da infância, geograficamente muito próxima dele. Contudo, o sujeito poético questiona essas recordações que, de tão distantes, se misturam com os sonhos e ganham implicações oníricas. O motivo da sereia, que empresta nome ao poema do autor incluído em *Conto Estrelas em Ti*, é ponto de partida para uma reflexão de cariz metaliterário sobre a criação artística, capaz de conceber seres híbridos que estabelecem a união entre universos distintos, como o mar e a terra, e entidades humanas e animais.

Elemento de especial simbolismo, o búzio serve de mote poético a vários textos poéticos para a infância. Luísa Ducla Soares reedita, na colectânea *A Casa do Silêncio*, comemorativa dos 25 anos do Bando dos Gambozinos, com ligeira alteração de título, o poema «Búzio do mar». Trata-se de um texto que recupera a sugestão comunicante tantas vezes associada a este objecto, fazendo dele uma espécie de voz secreta do mar e dos seus habitantes. O sujeito poético distingue-se dos restantes homens pela forma não só como ouve a canção da sereia que ele guarda, mas também como o observa e recria através da imaginação, atribuindo-lhe propriedades mágicas e oníricas: «É só um búzio das ondas, / Todos o julgam vazio. / Mas eu viajo lá dentro / Num sonho feito navio».

A colectânea *Planeta Azul* (2008), de Luísa Ducla Soares, reiterando um dos eixos semânticos da produção literária desta obra, alberga um conjunto de textos nos quais o mar é poetizado de forma variada. No poema “É lá”, o sujeito lírico manifesta o desejo de comunhão e proximidade com o mar, enfatizando a força cromática que lhe é própria – «(...) o verde vira azul/O azul bate na duna,/ Para voltar/Branco de espuma.». Se, em «Gaivotas», por exemplo, a evocação do mar se materializa a partir da referência a esta ave, em «O búzio», «Estrela-do-mar» e «Caranguejo», o cenário marítimo surge representado a partir dos elementos mencionados. Destes três poemas, sobressai um discurso dominado pela voz do sujeito poético e pela sua percepção afectiva deste espaço, sendo marcados pela memória e pelo sonho, no primeiro caso, pela transfiguração sensível do real, no segundo, bem como pelo tom dialógico e pela construção humorística, no terceiro.

Também da autoria de Luísa Ducla Soares, a obra *O Mar* é composta por um único texto poético, que testemunha simultaneamente a intensidade lírica da poesia da autora, bem como o carácter lúdico (reflectido nos jogos vocabulares e fonéticos) ao serviço da materialização de um dos seus veios ideotemáticos mais significativos: a crítica. Espécie de hino ao mar, neste livro, coexistem, porém, o eufórico e o disfórico, ambivalência que se reflecte quer na própria estrutura externa (duas oitavas) quer no campo semântico/lexical dominante em cada uma delas.

Na colectânea premiada *O Limpa-palavras e outros poemas* (2000), de Álvaro Magalhães, e em particular do poema intitulado «A ilha do tesouro», o mar, poetizado metafóricamente e simbolicamente, emana das páginas de um livro, objecto conotado com um tesouro. A multiplicação de referências a elementos relacionados com o espaço e com a aventura/viagem marítimos, evidenciando uma forte carga sensorial – «cheira a sal, ouvem-se as ondas, / salpicos de espuma volteiam no ar.» – e evocando figuras-tipo do universo mencionado – marinheiros, piratas e capitão – denuncia o desejo de evasão espaço-temporal do sujeito poético. Com efeito, o mar é, neste texto (como, aliás, também os livros), cenário de acções destemidas, um meio de realização pessoal e de concretização do sonho.

Teresa Rita Lopes, em *Jogos, Versos e Redacções* (2001), relembra o mar a partir de elementos como as conchas – «Conchas de uma vida» – e também a partir da recordação de uma praia vivenciada como natal – «A minha praia natal». As conchas, e particularmente no texto poético a que nos referimos, destacam-se como um valioso «achado do mar», relacionando-se com as ideias de ligação ao passado, de memória, de certo modo, de infância e, ainda, de feminilidade, aspecto que coincide, aliás, com um dos sentidos simbólicos mais relevantes deste elemento: «O mar preza as formas arredondadas/femininas. Trabalhou-as com vagar. Trouxe-as no ventre / mais tempo».

No poema «Sargo e Pargo», presente em *Como Quem Diz* (2005), de António Torrado, texto com evidentes marcas de narratividade, o mar funciona apenas como espaço natural de encontro e de diálogo entre as duas espécies anunciadas pelo título. Neste caso, destaca-se a componente humorística, sustentada, no essencial, pela exploração da relação paronímica entre os vocábulos Parvo e Pargo, bem como pela conclusão irónica.

No *Breviário* (2004) que João Pedro Mésseder e Francisco Duarte Mangas dedicam à água, o mar pontua diversamente um número significativo de composições poéticas. Leiam-se os poemas «Corrente», «Gaivota» ou «Canção do mar de Capri», onde às res-

sonâncias de uma importante tradição literária/histórico-cultural inerente ao mar se junta uma atitude poética simultaneamente contemplativa e afectiva, da qual não podem ser ignoradas as implicações simbólicas de certos vocábulos – azul, olhos e mergulhar, por exemplo. Mas o mar é, ainda, símbolo da liberdade e das possibilidades de realização humana, como se pode ler em «Em Peniche há muitos anos». Refiram-se ainda, no glossário com que fecha a obra, as três propostas metalinguísticas desencadeadas pelo vocábulo «Mar». Em *O g É um Gato Enroscado*, também da autoria de Méseder, o poema «Estrela?» centra-se na “figura” de uma estrela-do-mar e contrapõe, com subtilidade, esta estrela à estrela do céu.

Em *Cinema Garrett*, de Vergílio Alberto Vieira, uma colectânea cujos poemas são percorridos pela ligação à Póvoa do Varzim, espaço de eleição do poeta, são vários os textos onde os elementos marítimos surgem com particular intensidade, uma vez que integram o código genético da cidade, tanto em termos paisagísticos como sociais ou simbólicos. Os poveiros e a sua ligação ao mar e às actividades marítimas, como a pesca e o sargaço, os naufrágios e as mortes, as praias, os veraneantes e os banheiros, as festas religiosas e os ex votos, o cais, o paredão, a ronca e farol constituem as marcas visíveis da ligação ancestral das gentes da Póvoa ao mar, numa relação nem sempre pacífica, onde o amor e o ódio se digladiam constantemente, constituindo a sua singularidade que os textos cristalizam.

## Conclusões

Com antecedentes nobres como os já mencionados no início deste trabalho, a poesia contemporânea caracteriza-se, do ponto de vista ideotemático, pelo olhar poético, e transfigurador, sobre o real, no qual se integra o espaço físico e social, incluindo a Natureza – designadamente o mar, como acabámos de ver – e/ou a cidade, a família, a escola, entre outros igualmente relevantes no universo infantil.

São também recorrentes os textos que apostam numa dimensão *nonsensical*, com aproximações ao absurdo e ao insólito, decorrentes de jogos linguísticos que promovem, também, o humor e a subversão. O apontamento de cariz metalinguístico e metapoético, por seu turno, foi ganhando gradualmente expressão em composições esporádicas de diversos autores. Em termos enunciativos, o texto poético para crianças oscila entre a presença de uma voz adulta e a de uma voz infantil ou pretensamente infantil, as quais, no plano ideotemático, permitem ainda ler aproximações a questões ambientais, bem como às injustiças do mundo e até, aqui e acolá, à opressão, ao racismo e à guerra.

Continuam a ser evidentes as influências populares e tradicionais que são revisitadas e recriadas, às vezes com subversões consideráveis, pelas composições contemporâneas, com particular destaque para formas como as lengalengas, os trava-línguas e outras «rimas infantis». Os autores recorrem com assiduidade à reinvenção verbal, criando novos signos linguísticos e as novas realidades que eles designam. A construção dos textos, geralmente breves e manifestando muitas influências das formas codificadas, revela, igualmente, o culto de estruturas paralelísticas, como é o caso do refrão e de outras repetições internas. A vertente sonora, sobretudo nos textos destinados aos leitores mais pequenos, assume uma importância relevante, muitas vezes sublinhada pelas repetições de fonemas ou de combinações fonemáticas idênticas, recorrendo a aliterações, assonâncias e jogos paronomásticos, investindo na criação de efeitos onomatopaicos, de jogos rimáticos e fomentando diversas sugestões fono-icónicas.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, Matilde Rosa (2005). *Anjos de Pijama*. Lisboa: Texto Editores (ilustrações de Maria Keil) ISBN – 972-47-2959-1

BANDO DOS GAMBOZINOS / AA VV (2008). *Com Quatro Pedras na Mão – O Porto cantado por crianças e jovens*. Porto: Deriva (ilustrações de Emílio Remelhe) ISBN – 978-972-9250-48-4

BAPTISTA, Amadeu (2008). *Os Cavalos a Correr*. V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Estela Baptista Costa) ISBN – 978-989-8213-06-8

BRAGA, Jorge Sousa (2004). *Pó de Estrelas*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Cristina Valadas) ISBN – 972-37-0978-3

CARDOSO, João Paulo Seara (2005). *A Cor do Céu: poemas com história & histórias em poema*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Júlio Vanzeler) ISBN – 972-610-962-0

CASTRIM, Mário (2006). *A Moeda do Sol*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Caetano). ISBN – 989-625-093-6

ÉME, 3za (2005). *Provérbios Repenteados*. Porto: Edições Eterogémeas (ilustrações de Emílio Remelhe) ISBN – 972-99243-3-3

FANHA, José (2004). *Cantigas e Cantigos*. Lisboa: Terramar (ilustrações de João Fanha) ISBN – 972-710-362-6

GOMES, José António (coord.) (2000). *Conto Estrelas em Ti*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Caetano) ISBN – 972-610-337-1

GOMES, Luísa Costa (2005). *A Galinha que Cantava Ópera*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de Pierre Pratt). ISBN – 972-20-3044-2

GUEDES, Teresa (2002). *Em Branco*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Danuta Wojciechoska) ISBN – 972-21-1477-8

GUEDES, Teresa (2005). *Real... mente*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Rachel Caiano) ISBN – 972-21-1740-8

GUEDES, Teresa (2007). *Tu Escolhes*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Rita Oliveira Dias) ISBN – 978-972-21-1893-4

HIGINO, Nuno (2001). *O Menino que Namorava Paisagens e Outros Poemas*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de José Emídio) ISBN 972-610-468-8

HIGINO, Nuno (2003). *Todos os Cavalos e... mais Sete*. Marco de Canaveses: Cenateca (ilustrações de Álvaro Siza) ISBN – 972-98834-1-6

HIGINO, Nuno (2008). *Versos Diversos*. Vila Nova de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Ana de Castro) ISBN – 978-989-8213-02-0

HONRADO, Alexandre (2002). *Palavras para Lavras*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de João Caetano) ISBN – 972-610-569-2

INFANTE, Luís (2003). *Poemas Pequeninos para Meninas e Meninos*. Vila Nova de Gaia: Gailivro (ilustrações de Carla Pott) ISBN – 989-557-050-3

JÚDICE, Manuela (2006). *O Meu Primeiro Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de Pedro Proença) ISBN – 972-20-3134-1

LETRIA, José Jorge (2005). *Letras & Letrias*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de André Letria) ISBN – 972-20-2825-1

LETRIA, José Jorge (2008). *Novas Rimas Traquinas*. Lisboa: Terramar (ilustrações de João Fanha) ISBN – 978-972-710-413-0

LOPES, Teresa Rita (2001). *Jogos, versos e redacções*. Lisboa: Presença (ilustrações de Mário Botas) ISBN – 972-23-2831-X



MAGALHÃES, Álvaro (2000). *O Limpa-palavras e Outros Poemas*. Porto: ASA (ilustrações de Danuta Wojciechowska) ISBN – 972-41-2349-9

MANGAS, Francisco Duarte e MÉSSEDER, João Pedro (2002). *Breviário do Sol*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Geraldo Valério) ISBN – 972-21-1455-7

MÉSSEDER, João Pedro (2000). *De que Cor É o Desejo?*. Lisboa: Caminho (ilustrações de José Miguel Ribeiro) ISBN – 972-21-1357-7

MÉSSEDER, João Pedro (2002). *À Noite as Estrelas Descem do Céu*. Porto: Campo das Letras (ilustrações de Emílio Remelhe) ISBN – 972-610-493-9

MÉSSEDER, João Pedro (2003). *O g É um Gato Enroscado*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Gémeo Luís) ISBN – 972-21-1541-3

MÉSSEDER, João Pedro e MANGAS, Francisco Duarte (2004). *Breviário da Água*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Geraldo Valério) ISBN – 972-21-1627-4

MÉSSEDER, João Pedro (2005). *Palavra que Voa*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Gémeo Luís) ISBN – 972-21-1677-0

MÉSSEDER, João Pedro (2007). *Vozes do Alfabeto*. Porto: Deriva (ilustrações de João Maio Pinto) ISBN – 978-972-9250-22-4

MÉSSEDER, João Pedro (2008). *Versos Quase Matemáticos*. Coimbra: Pé de Página (ilustrações de Catarina Fernandes) ISBN – 978-989-614-118-9

MOTA, António (2001). *Onde Tudo Aconteceu*. V. N. Gaia: Gailivro (ilustrações de Carla Pott) ISBN – 989-557-104-6

MOTA, António (2008). *Lá de Cima Cá de Baixo*. V. N. Gaia: Gailivro (ilustrações de Teresa Lima) ISBN – 978-989-557-521-3

PESSOA, Fernando (2006). *Poema Pial*. Porto: Afrontamento (ilustrações de Manuela Bacelar) ISBN – 972-36-0849-9

PESSOA, Fernando (2008). *Poesia de Fernando Pessoa para Todos*. Porto: Porto Editora (selecção e organização de José António Gomes; ilustrações de António Modesto) ISBN – 978-972-0-71665-1

PINA, Manuel António (2002). *Pequeno Livro de Desmatemática*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Pedro Proença) ISBN – 978-972-370-668-0

RALHA, Suzana (dir. e coord.) (2000). *A Casa do Silêncio – Bando dos Gambozinos. 25 anos «tantas maneiras de ver e viver»*. Porto: Afrontamento (ilustrações: vários) ISBN – 972-36-0544-9

RIBEIRO, João Manuel (2008). *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas*. V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Anabela Dias) ISBN – 978-989-95696-0-7

RIBEIRO, João Manuel (2008). *Poemas da Bicharada*. V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Sónia Borges) ISBN – 978-972-710-415-4

SOARES, Luísa Ducla (2003). *A Cavalos no Tempo*. Porto: Civilização (ilustrações de Teresa Lima) ISBN – 972-26-2065-7

SOARES, Luísa Ducla (2004). *Abecedário Maluco*. Porto: Civilização (ilustrações de Joana Alves) ISBN – 972-26-2181-5

SOARES, Luísa Ducla (2008). *O Planeta Azul*. Porto: Civilização (ilustrações de Gisela Miravent) ISBN – 978-972-26-2789-4

SOARES, Luísa Ducla (2008). *O Mar*. Lisboa: Gatafunho (ilustrações de Pedro Sousa Pereira) ISBN – 978-972-8920-56-2

TORRADO, António (2005). *Como Quem Diz*. Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Ana Vidigal) ISBN – 972-37-1048-X

TORRADO, António (2006). *À Esquina da Rima Buzina*. Lisboa: Caminho (ilustrações de António Pilar) ISBN 972-21-1794-7

- VIANA, António Manuel Couto (2008). *Bichos Diversos em Versos*. Lisboa: Texto Editores (ilustrações de Afonso Cruz) ISBN – 978-972-47-3780-5
- VICENTE, Maria da Conceição Sousa (2008). *Bichos de faz-de-conta*. Porto: Porto Editora (ilustrações de André da Loba e Margarida Botelho) ISBN – 978-972-0-71890-7
- VIEIRA, Alice (2007). *O Meu Primeiro Álbum de Poesia*. Lisboa: Dom Quixote (ilustrações de Danuta Wojciechowska) ISBN – 978-972-20-3566-8
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2000). *Do Alto do Cavalo Azul*. Lisboa: Caminho (ilustrações de André Letria) ISBN – 972-21-1367-4
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2005). *Para Chegar a uma Estrela*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Cristiano Salgado) ISBN – 972-21-1682-7
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2006). *Os Livros dos Outros*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Cristina Robalo) ISBN – 972-21-1793-9
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2006). *A Pulga atrás da Orelha*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Cristina Robalo) ISBN – 972-21-1792-0
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2007). *A Escola dos Disparates*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro (ilustrações de Helena Nogueira) ISBN – 978-989-555-281-8
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2008). *A Boca no Trombone*. Lisboa: Bonecos Rebeldes (ilustrações de Marta Madureira) ISBN – 978-989-8137-17-3
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2008). *O Meu Sonho É Maior que O Teu*. Coimbra: Pé de Página (ilustrações de Catarina Fernandes) ISBN – 978-989-614-117-2
- VIEIRA, Vergílio Alberto (2008). *Cinema Garrett*. V. N. de Gaia: Trinta por Uma Linha (ilustrações de Ana Bela Dias) ISBN – 978-989-8213-05-1